



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i2.26142>

DO DESEJO E DO FRACASSO NA INSERÇÃO DA ORDEM DO PAI: UMA LEITURA DE O MURO DE PEDRAS, DE ELISA LISPECTOR

JOSÉ LUAN ALMEIDA LEITE (UFPB)*

 <https://orcid.org/0009-0006-6402-8071>

MARCELO MEDEIROS DA SILVA (UEPB)**

 <https://orcid.org/0000-0003-1055-910X>

RESUMO

Este artigo investiga a representação feminina na obra *O muro de pedras* (1963), de Elisa Lispector. O objetivo é compreender em que medida as personagens desse romance se identificam com a ordem patriarcal no que toca aos papéis de mãe e esposa que o patriarcado impôs ao feminino como destino inelutável, ainda que tentativas malogradas de subversão desses lugares sejam ensaiadas por Marta, a protagonista. Em nossa análise, fundamentamos em Alves (2002), Badinter (1985), Gomes (2012) e Zolin (2018) para pensarmos as implicações da inserção feminina na ordem patriarcal. Concluímos que a obra em questão antecipa a discussão acerca do rompimento por parte das mulheres com certos valores morais do contexto da ordem do pai, ainda que de maneira singela, o que coloca Elisa Lispector nas discussões pioneiras acerca da pluralidade de temáticas e vivências das representações femininas das últimas décadas no cenário literário brasileiro. **Palavras-chave:** Representação feminina; Casamento; Maternidade; Elisa Lispector.

ABSTRACT

OF DESIRE AND FAILURE IN THE INSERTION INTO THE LAW OF THE FATHER: A READING OF O MURO DE PEDRAS BY ELISA LISPECTOR

This article investigates the representation of women in *O muro de pedras* (1963), by Elisa Lispector. The aim is to understand to what extent

* Mestrando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde desenvolve pesquisa sobre a prosa de Elisa Lispector a partir de perspectivas psicanalíticas. É também graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba e professor da rede privada de ensino em João Pessoa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6549558572069575>. E-mail: luanleite377@gmail.com

** Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), onde é lotado no Centro de Ciências Humanas e Exatas, campus VI, além de membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8642945745816768>. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

the novel's female characters identify with the patriarchal order regarding the roles of mother and wife imposed on women as an inescapable destiny, even though unsuccessful attempts at subverting these roles are made by Marta, the protagonist. Drawing from Alves (2002), Badinter (1985), Gomes (2012), and Zolin (2018), this study examines the implications of female insertion into the patriarchal order. The analysis concludes that the novel anticipates debates on women's rupture with certain moral values of the "law of the father," albeit subtly, positioning Elisa Lispector as one of the pioneering voices in broadening female representations in Brazilian literature.

Keywords: Female representation; Marriage; Motherhood; Elisa Lispector.

1. INTRODUÇÃO

A construção idealizada das imagens de mulher dentro da sociedade burguesa e capitalista atua como mecanismo de controle da subjetividade e do corpo da mulher, naturalizando estereótipos sobre o feminino que se enraizaram no imaginário cultural e persistem até os dias de hoje como formas quase atávicas de ser e de existir, fomentando expectativas e performatividades de gênero (Alves, 2002). Assim, imagens da virgem (mulher pura e mãe de família) ou da mulher livre (a prostituta, a intelectual) foram historicamente construídas como polos opostos de que se valeu a sociedade patriarcal para traçar o destino das mulheres, as quais deveriam identificar-se com a ordem do discurso masculino e suas normas de conduta ou resistir aos códigos patriarcais e, em razão disso, sofrer as sanções morais, físicas e psicológicas decorrentes de tal transgressão.

Neste sentido, a literatura é pródiga em imagens que podem dar visibilidade às ideologias subjacentes a tais representações sobre o feminino, contribuindo, dessa forma, para os estudos que se preocupam em trazer à tona as vozes de e/ou os discursos sobre determinadas minorias, já que, conforme Santos (1998, p. 11), "não há ideias que não consigam expressar-se em palavras, assim como não há palavras que não

se refiram a realidades vividas e sentidas". Foi por meio de uma literatura feita e pensada para as mulheres que elas foram, a partir da leitura, especialmente, de romances, internamente, apreendendo certos modos de ser existir e reproduzindo-os. A partir das mãos das leitoras, incautas ou não, os tipos de representação da mulher foram adentrando as casas da burguesia e transmitindo a mensagem à sociedade moderna sobre o ideal de feminilidade que deveria ser cultivado e o que deveria ser execrado. Assim, a mulher ideal do patriarcado era aquela que não possuía história, mas que se fazia anjo do lar e consolava, aconselhava, ouvia, compreendia e sorria timidamente. Enfim, era um estereótipo cuja origem remete às fiéis virgens medievais e, como tal, atuou na formação de mulheres voltadas à dedicação total ao marido, à maternidade e à família (Telles, 2009).

De acordo com Gomes (2012) há, na literatura do século XX, diferentes formas de crítica ao patriarcado, de modo que as imagens produzidas sobre a mulher moderna são decorrentes de diversas performances que, se por um lado endossam os ideais femininos fomentados por esse contexto, por outro lado, desestabilizam essas representações, problematizando-as e fazendo emergir novas imagens que sinalizam para

outras formas de existência que a cartilha de conduta moral do patriarcado não registrou: Assim, “na narrativa contemporânea, o pertencimento da identidade feminina passa a ter um viés político, visto que essa literatura passa a valorizar a alteridade e a diferença como parte da identidade tradicional” (Gomes, 2012, p. 13), o que evidencia a tendência transgressora dos perfis de mulher na contemporaneidade ao passo que rumam para uma ruptura para com temas enraizados culturalmente.

Não é à toa que o estudo das imagens femininas na literatura é uma das primeiras linhas de trabalho da crítica feminista. Esta visa identificar, em um primeiro momento, os pressupostos que governam as representações veiculadas pela produção literária escrita por homens, já que esta era, então, a legitimada como modelar, enquanto a produção de autoria feminina era desvalorizada como produto estético. Assim, voltar-se para o estudo das imagens femininas nos textos masculinos era politizar o campo literário, pondo em xeque o trabalho de críticos e da própria historiografia literária, e, conseqüentemente, evidenciar o quanto as imagens das mulheres estiveram atreladas a ficções masculinas. Em resumo, a mulher na literatura é o objeto da crítica feminista e também uma das frentes de trabalho mais relevantes dos Estudos Culturais de Gênero, “tanto no que se refere à produção de obras literárias quanto ao exame de sua representação como personagem, independentemente da autoria masculina ou feminina” (Zinani; Santos, 2012, p. 11).

Em consonância com essa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar a representação feminina na obra *O muro de pedras*, de Elisa Lispector, publicada pela editora José Olympio, em 1963. Trata-se de uma obra cujas personagens femininas, es-

pecialmente a protagonista, são marcadas por processos de deslocamentos físicos e principalmente psicológicos, resultando em perfis de mulher deslocados socialmente, se pensarmos as expectativas de gênero que uma sociedade de base patriarca fomenta para o feminino. Por isso, essas mulheres se põem para as lentes desse contexto como figuras disruptivas, que anseiam por encontrarem consigo mesmas em suas subjetividades em um percurso que desafia o código de conduta do próprio patriarcado, ainda que se desvencilhar-se de tal sistema seja uma empresa sem muito êxito para essas personagens, mostrando o quão firmes ainda são as estruturas hegemônicas de poder. Ensejamos, portanto, analisar de que forma são representadas as personagens femininas na obra, observando em que medida estas se identificam com a ordem patriarcal no que tange aos modos de ser e de existir que o patriarcado impôs ao feminino ou resistem a essas imposições, ensaiando rotas de fuga, ainda que, muitas vezes, malograda.

1.1. Entre resistir e identificar-se com a Ordem do Pai: os dilemas da condição feminina em *O muro de pedras*

Em *O muro de pedras*, acompanhamos a história de Marta, uma personagem cuja existência é marcada por diversos dilemas e deslocamentos, sejam estes espaciais ou abstratos. Da tênue relação com a mãe à separação do marido; do sentimento de solidão à tentativa de preenchimento através dos lugares de esposa e de mãe, acompanhamos as várias investidas de inserção da protagonista no contexto do que conhecemos como ordem patriarcal, tentativas que, embora genuínas, não garantirão o seu sucesso em busca de um lugar no mundo, situando-a num lugar à margem socialmente.

Já no primeiro capítulo do romance, deparamo-nos com o fracasso do casamento

de Marta e seu esposo, Heitor, um crítico teatral de classe média em busca da ascensão profissional. Marta rememora o início da relação dos dois:

De começo, fora a estranheza. O medo de ousar, assim como o receio de apanhar um objeto de mau jeito. Depois foram as pequenas intimidades e a mostra, de parte a parte, das arestas de cada um, cada qual fazendo empenho em dar-se ao outro por inteiro - de minha parte, pelo menos, emendou ressentida. Foi assim que, aos poucos, ela se foi aproximando de Heitor, familiarizando-se com os seus escondidos temores, e as suas manias, e até mesmo com os mínimos instrumentos com que ele ia compondo a sua vida. Os seus livros, as gravatas, o maço de cigarros, o isqueiro (Lispector, 1976, p. 30).

É interessante notar, inicialmente, o zelo singelo e a incerteza com os quais Marta lida dentro do casamento em um primeiro momento. Outro aspecto a ser destacado, já na descrição inicial de Heitor, é um traço de sua personalidade que será marcante e decisivo no desenrolar da narrativa: a individualidade dentro da relação conjugal. Nesse sentido, tendo de adequar-se ao jeito de ser do marido, apossando-se da sua forma de viver, dos objetos que compõem seu dia a dia, Marta vai sendo absorvida pela personalidade dele:

Mesmo a expressão que ela armava a um pensamento muito seu, e ela diria que profundo, mudava gradativamente, à medida em que se ia deixando arrastar pelos pensamentos dele, pela manifestação de seus sentimentos. E, durante longo tempo, pareceu-lhe que estava na sua natureza o deixar-se absorver pela maneira de ser de Heitor, num constante dar de si, num permanente anular da própria vontade. Nunca a violência, jamais o coração fechado em dureza. Toda ela só aceitação (Lispector, 1976, p. 31).

Essa passagem é significativa do ponto de vista dos estudos de crítica feminista,

pois revela, de maneira sutil, as frequentes tentativas de Marta em fazer com que o casamento desse certo, papel quase que sempre atribuído à mulher nessa configuração. Mais do que isso, podemos observar uma espécie de apagamento da personalidade da personagem para jogar-se de vez no mundo do marido, abrindo mão das especificidades que constroem sua identidade em prol da valorização da maneira de viver do homem, desempenhando o papel do que se espera de uma boa esposa, que cede, que ouve e que releva, características historicamente atribuídas às mulheres dentro do matrimônio segundo a cartilha do patriarcado.

Para Moreira (2003 *apud* Farias, 2017), as mulheres sempre estiveram culturalmente presas ao gênero, isto é, elas deveriam corresponder a um estereótipo construído e perpetuado socialmente. Assim, uma vez mulheres, sempre tiveram de ser dotadas de valores voltados à maternidade, ao casamento e a tudo àquilo que tem colocado o homem como o centro em torno do qual o universo circula. Falamos, portanto, de um ideal de mulher que norteia sua subserviência ao masculino, por meio de diversas instituições sociais (família, igreja, Estado, escola etc.).

Por outra via, ainda na relação dos dois, somos apresentados aos primeiros indícios de descontentamento da protagonista para com a instituição do casamento. Isso pode ser lido como algo subversivo por si só, já que à figura feminina, somente fora delegada, ao passar das eras, a posição de subserviência, sem qualquer chance de desgosto quando o assunto era a vida conjugal entre marido e mulher. Por isso, *descontentamento* era uma palavra que parecia não existir no dicionário feminino, o que já revela o perfil singular da protagonista:

(...) não tardou que ele se fosse fazendo cada vez mais cioso de sua liberdade, cada vez dizendo menos, fechando-se, não propriamente em si, em todo caso num círculo a ela inacessível. ‘Loucura, pensar que ainda poderíamos tornar a ser felizes’, disse consigo, saltando da cama e fechando bruscamente a janela, que batia à viração da tarde, de repente descambando para uma cólera violenta, tão mais violenta quanto voltada contra si mesma, pois acabava de compreender que falhara, que todo o seu sofrimento fora em pura perda (Lispector, 1976, p. 32).

A narrativa toma norte e compreendemos que, enquanto marido, Heitor é um homem ausente, sempre indo e vindo, usando de poucas palavras, com suas coisas, suas particularidades e segredos – esses que não são tão difíceis de se imaginar. Assim, vemos Marta cada vez mais afundada em si e em seus questionamentos, revelando uma profunda insatisfação para com a relação:

Entretanto, Marta sentia que ia perdendo terreno, que sua vida com Heitor se ia esgarçando. Então pensava que se conseguisse dar vazão àquele seu desespero calcado, ela chegaria até ele, de vez que o ódio liga tanto as criaturas quanto o amor. Mas no dia em que explodiu em cólera, exclamando: - ‘Não suporto mais estas suas ausências tão demoradas. Ou será que você pensa que...’ - Heitor interrompeu-a com uma calma estudada: - Depois falaremos sobre isto. Quando eu chegar, à noite, conversaremos com vagar. Sua expressão era séria, tão séria e condescendente como se ela fosse uma tolinha e tivesse cometido uma gafe, ele sendo suficientemente superior para perdoar-lhe (Lispector, 1976, p. 36).

É importante observar, aqui, a postura manipuladora do marido para com a mulher, quase como que colocando-a como culpada por possuir anseios quanto à relação dos dois. Heitor se põe em um lugar superior, tratando das reivindicações da esposa com desdém, como se não tivessem tanta

importância, como se fossem melindres femininos. Por isso, certo tempo passa, e o que antes era reivindicação se perde no tempo, e podemos ver Marta voltar à posição de submissão de outrora:

Heitor continuava a entrar em casa e a sair, vivendo distraidamente a sua vida de sempre. Ela o atendia, sorria-lhe, indulgente e um pouco distante. A cabeça de Heitor contra o seu ombro era uma cabeça gentil, sólida, um pouco pesada, que ela suportava amável, até que ele se cansava da posição e a retirava. E, quando ele tornava a sair, ela voltava a vagar pelo apartamento um pouco empoeirado, um pouco envolto em penumbra, o edifício que se erguia ao lado fechando cada vez mais a paisagem, impedindo a entrada do sol. E na meia-luz e no silêncio do seu ermo, sentia-se um pouco tal um peixe num aquário, um aquário um pouco escuro e lodoso... (Lispector, 1976, p. 41).

Nesse fragmento, ficam claros e estabelecidos os papéis desempenhados por cada um dos personagens dentro do casamento. À Marta, era reservado o espaço do lar, da casa, do privado, aguardando o regresso do esposo com simpatia, com um sorriso no rosto, atributos de uma boa mulher. A Heitor, eram reservados o espaço público, os negócios, enfim, a vida fora da casa:

A divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família (Okin, 2008 *apud* Farias, 2017, p. 71).

Nessa perspectiva, percebemos que homens e mulheres sempre desempenharam funções sociais distintas e, dentro de confi-

gurações como o casamento, é possível que vejamos esse desempenho de maneira mais clara, já que, sempre, “o domínio público, da história, foi alocado ao princípio masculino, enquanto o princípio feminino, marginalizado, circunscreveu-se ao domínio da casa, do privado, da reprodução” (Muraro, 1995, p. 66-67).

A insatisfação de Marta perante a forma como o casamento entre ela e Heitor está sendo levado se desenvolve e é visível ao longo de toda a narrativa. Em um momento tenso de diálogo, após tentativas irremediáveis por parte do marido de contornar a situação de angústia da esposa ao seu favor, alegando o quão insignificantes suas contestações eram, Marta exclama:

- Heitor, eu cansei de lutar, cansei de lutar contra você, contra mim mesma, contra o que era mais que ia dizer? perguntou-se, porque de súbito era como se estivesse sob o efeito de um choque, e a ela própria as palavras não alcançassem mais nem tivessem o poder de convencer. Agora ele a retinha junto a si, aprisionadas fortemente as suas mãos nas dele, enquanto lhe falava em tom brando, persuasivo, naquela voz grave que ela tão bem conhecia, que ela seria sempre a sua amiga, a sua companheira, que. Mas era precisamente a essa persuasão mansa que ela queria furtar-se, tendo preferido, antes, que ele estivesse sendo rude, porque já sentia algo abrandar-se em insegurança e remorso. Temia ceder e tornar a resvalar para o que seria de novo só contrição e mágoas, e talvez nunca, nunca mais ela se pudesse revigorar em decisão, a amarga decisão de reencontrar-se consigo mesma (Lispector, 1976, p. 50).

É de se observar como o marido tenta reverter a situação, o que Marta não permite, revelando um de seus poucos momentos de imposição. Podemos ver como, uma vez exposto o que sente, a personagem vive a angústia interna da possibilidade de vol-

tar para a situação na qual se encontrou por tanto tempo dentro do casamento, sem forças para romper a corda invisível que a ligava a ele e que fora construída por séculos e séculos de manobras que colocaram as mulheres em posição de submissão e inferioridade ao homem dentro dessa instituição, minando-as de qualquer possibilidade de quebrar com os seus ideais e valores enraizados.

É nesse trecho, especificamente, que vemos a coragem da personagem em se atirar no escuro. Indo contra certos valores da ordem patriarcal, que colocam a figura da mulher em posição menor, deixando as rédeas das relações na mão do homem, Marta vai ao encontro, ainda que de forma inconsciente, de representações femininas mais contemporâneas, que ditam outras formas de ser e existir para a mulher dentro do casamento. Assim, como afirma Milagres (2008 *apud* Farias, 2017), percebemos que, se antes, destinadas apenas ao convívio de vida particular, agora, alçadas à vida pública, a mulher nega a antiga fórmula de união matrimonial. Por isso, tanto homens quanto mulheres não mais insistem em manter um compromisso desgastado ou com deficiências.

Em um momento posterior do romance, a busca pela maternidade é evidenciada pela protagonista, que vê na possibilidade de ser mãe a saída para todas as suas angústias e anseios frente a sua inabilidade para estar na ordem do pai. A personagem, após as lutas internas travadas na cidade, no segundo capítulo da obra, decide deslocar-se para uma chácara que lhe fora repassada como herança de família. *Granja Quieta*, assim chamada, surge como o último suspiro na vida de Marta na tentativa de resolução de seus dilemas existenciais. Recém chegada à granja, somos apresentados aos personagens que lá vivem: D. Augusta, Ana e

Bruno, uma família de imigrantes vinda da Itália e responsável pela administração do sítio. É a partir da presença de Bruno que Marta desperta o desejo pela maternidade como última aposta em busca de inserção na ordem patriarcal:

Em seus passeios matinais pelos diversos recantos do sítio, acontecia-lhe muitas vezes deter-se a contemplar, de longe, Bruno inteiramente absorvido pela sua tarefa, vergando o corpo flexível e musculoso na sua plenitude de animal sadio, e sentia um prazer novo. Aquilo era visível, era real, bendita realidade que a tomava pela mão e a restituía ao centro, mesmo, da vida, conciliando-a com o lado primitivo da criatura humana, com a sua face rude e não cinzelada. Através do ser uno e tocantemente indefeso, na sua carne perecível, ela adivinhava a densa e entrelaçada tessitura do grande enigma, querendo, também ela, participar do mistério, não podendo prever ainda, porém, o ato pelo qual ela seria absorvida (Lispector, 1976, p. 112).

Podemos notar, aqui, a presença de um impulso mais instintivo despertado na protagonista a partir do contato com Bruno e a maneira como ele levava a vida no campo. É também a partir dessa vivência, para além da busca da solução dos seus anseios, que Marta vai, inconscientemente, tomando por desejo a maternidade. Em certo dia, enquanto encontrava-se exilada em uma pequena cabana construída para evitar o contato com as demais pessoas da casa principal da granja, fator que revela sua busca por isolamento mesmo fora da cidade, ela tem uma espécie de revelação:

Foi numa dessas vezes em que ela se achava agachada apanhando ramos secos, dobrada sobre si mesma, a cabeça baixa e os cabelos finos e lisos soltos ao longo do rosto, que ela percebeu com o canto dos olhos a pouca distância Bruno, imobilizado como um tronco, a fitá-la com um olhar sombrio em que havia desejo e sofrimento. E um pensamento lhe

ocorreu, claro e incisivo como um relâmpago. Um filho. Ele poderia dar-lhe o filho de que ela precisava para desdobrar-se, para renascer, pois só um filho faria estancar a sua angústia, só através dele ela encontraria a paz (Lispector, 1976, p. 119-120).

Historicamente, partindo do mito cristão, se nos atentarmos às representações da maternidade cristalizadas no ocidente, nos depararemos com a figura de Maria que, como exemplo maior de mãe, foi imbuída de valores como a doação, o cuidado, o sacrifício e o amor oblato, valores e trabalhos quase que sempre atribuídos às figuras femininas, já que “esses tipos de trabalho são frequentemente associados a uma definição cultural das mulheres como pessoas cuidadas, gentis, diligentes, estando sempre prontas para se sacrificarem pelos outros, por exemplo, como ‘boas mães’” (Connell; Pearse, 2015, p. 33 *apud* Silva, 2022, p. 127). Nessa via, o fato é que

A mulher, desde o mito judaico cristão da criação, foi submetida às vontades masculinas. No decorrer da História são muitos os episódios que expõem a dominação do homem e suas relações com o corpo da mulher, sobretudo nos quesitos de violência e controle. Assim, até mesmo a experiência exclusiva que a natureza lhes reserva – a maternidade – é utilizada como mecanismo de controle de suas identidades e desejos. Muitas foram as mulheres repudiadas ou que tiveram seus casamentos anulados por não darem filhos aos seus maridos. Nem se pretende discutir aqui as vontades (ou não) de reprodução dessas mulheres ou eventuais problemas de fertilidade do casal, chamamos a atenção para o fato de a não gravidez ser mote para a dissolução matrimonial, visto que ter filhos/as era produto determinante para o êxito do casamento” (Tardivo, 2022, p. 59).

Em outras palavras, se a mulher não for casada, não será digna e, se casada, mas impossibilitada de ter filhos, independente-

mente da ordem, será tão indigna quanto, já que não gerará o fruto da comunhão, fruto este que será, muito provavelmente, responsável pela manutenção das estruturas da ordem do pai. Por isso, esses valores corroboram a ideia de controle imposta pela figura masculina para com o corpo feminino.

Mesmo contemporaneamente, a pressão social ainda norteia as mulheres para o dar-se à maternidade, por meio de uma visão nobre. Como apontou a escritora francesa Virginie Despentes (2006 *apud* Silveira, 2022), em *Teoria King Kong*, mesmo hoje, as figuras femininas ainda são instigadas, principalmente culturalmente, à ideia de que ter filhos seja um objetivo em suas vidas, uma vez que a maternidade seria uma função valorosa e digna de uma mulher de bem e com lugar no patriarcado. Na verdade,

A partir dos vinte anos, a pergunta materna lançada a toda mulher (raramente a um homem) não é se vai ter filhos ou não, mas quando pensa em tê-los. E se o relógio biológico que antes soava aos vinte e tantos falhou e essa mulher passa dos trinta, a fatídica pergunta adquire um volume categórico: ativa-se o despertador social tentando fixar uma data (Meruane, 2018, p. 20).

Essa ideia corrobora o pensamento de Alves (2002) no ponto de vista de que, mesmo agora, as mulheres são, ainda, feitas para certas instituições patriarcais. Nesse sentido, embora as épocas sejam outras, perderam-se, ainda hoje, ferramentas de controle que ditam as vivências e subjetividades femininas. Podemos observar como isso se faz presente em *O muro de pedras* quanto à ideia de maternidade por parte da protagonista, colocando essa instituição como o refúgio da existência inquieta:

Marta tinha agora o seu filho, a sua confirmação. E segurar o filho ao colo, esse ser tão pequenino e tenro, infundia-lhe uma alegria

tão intensa que quase atingia ao sofrimento. Pois era um sentimento grave, como se ela tivesse no regaço o próprio mundo, o seu mundo, a sua vida nas próprias mãos. E se comovia ante o agitar de seus bracinhos e de suas pernas curtas e roliças, e o seu débil e informe balbuciar. E, de um instante para o outro, ela, que nunca soubera conduzir a vida, que nunca soubera o que fazer com os dias, tornara-se diligente e sábia, possuidora dessa sabedoria intuitiva e milenar da primeira fêmea a proteger a sua cria. Retrocedia ao começo com uma contenção e um primarismo que a ela própria espantariam, não estivesse tão absorvida pelo milagre que estava sendo (Lispector, 1976, p. 138).

Com o filho em seus braços, Marta passa a rever o mundo com outros olhos, vendo a vida através de sua criança. E, repentinamente, o que antes era apenas melancolia e inquietação passa a dar vazão a um lugar de preenchimento e transbordamento, advindos de um estado de comunhão entre a criadora e sua criação. Ela, que antes estava perdida, encontrava-se, agora, no seio da vida. Assim, ia levando os dias, totalmente reestruturada dentro de sua carne e alma, algo que intensificava sua relação para com Bruno que, antes, consistia em total estranhamento:

Depois do nascimento do filho, Marta reatou os laços com Bruno de uma forma serena, sem nenhum arrebatamento da parte dela, com uma alegria um pouco deslumbrada da parte dele, a princípio, tendo de novo desabrochado aquele seu sorriso um tanto sabido e outro tanto rude a sabida malícia que lhe advinha da consciência de sua força, de sua presença, até que também isso, o deslumbramento de Bruno, foi arrefecendo, e se estabilizando num sentimento calcinado pela existência no dia-a-dia (Lispector, 1976, p. 139).

Como já visto, vivemos em um contexto social onde as mulheres ainda são ensi-

nadas desde cedo a serem boas esposas e mães. Quanto a isso, tratamos da ideia de uma maternidade compulsória, não necessariamente inerente ao feminino (ainda que esta possa se constituir com legitimidade a partir das mais diversas experiências), mas instigada socialmente:

Ser mãe seria como uma escolha induzida pela sociedade e não necessariamente a vontade espontânea da mulher. A socialização feminina, cada vez mais impulsionada pela internet, fez com que a maioria das mulheres mantivessem o desejo da maternidade, o que não se trata de uma decisão errada ou retrógrada. No entanto, em uma sociedade que analisa as mulheres sem filhos como frígidas, infelizes ou incompletas, essa reflexão se torna imprescindível (Silveira, 2022, p. 45).

É a partir dessa perspectiva que Marta passa, na narrativa, a se reconhecer no mundo. É a partir da maternidade, inclusive, que ela passa a se inteirar mais dos assuntos da granja, deixando para trás seus momentos de angústia e busca por uma plenitude já alcançada, adequando-se ao que se espera de uma mulher minimamente do lar e passando a fazer parte da engrenagem que rodava a vida naquele espaço e, numa proporção muito maior, no mundo:

Pois, com uma certa desilusão embora, ela ia e vinha a maior parte do tempo atarefando-se, diligenciando no governo da casa. E, durante períodos que lhe pareciam suficientemente longos para haver relegado o seu passado para o esquecimento, pensava que a posse da granja, do seu homem e do filho apascentava o seu anseio primitivo. Uma nova realidade parecia, enfim, libertá-la da antiga busca, da velha angústia que marcara o seu ser e o seu destino até então. Morrer para a angústia de ontem e refugiar-se por inteiro na afirmação de hoje era um meio de perder a sua intimidade, a sua vida passada, sabia-o, mas também de reencontrar-se num novo começo (Lispector, 1976, p. 144).

O tempo passa e, ao chegar e ida das primaveras, percebemos que mesmo a função de mãe, a longo prazo, não é capaz de preencher o imenso vazio quanto à falta de lugar no mundo sentida pela personagem. Carlos, seu filho, cresce e herda da mãe a capacidade de pouco comunicar-se. Alicerçada na individualidade, assim como todas as outras relações da protagonista e os homens que passaram em sua vida, a relação que outrora fora suficiente para fazer com que ela redescobrisse o mundo, já não mais o era:

É que avaliando agora a sua prosperidade, que da prosperidade da granja ela fizera a sua obra, Marta tinha a impressão de que todo o seu trabalho fora em pura perda. Tudo coisas de superfície. Compreendia definitivamente que a sua antiga maneira de ser estava sendo solapada pelo seu desconhecimento deliberado, e que muito mais próximo do escuro núcleo da vida ela estivera em sua árida solidão, que mais sentido tinha havido na sua abstenção de outros tempos, que na laboriosa faina de agora (Lispector, 1976, p. 147).

Observamos, nesse trecho, os primeiros indícios de que a vida no campo, mesmo com a sensação de realização de antes, e apesar do fato de já ser mãe, não lhe é mais suficiente. Foi assim que, mesmo em meio à tranquilidade da vida naquele período, em algum momento, uma brecha se abriu e sua curiosidade quanto ao seu espaço no mundo veio à tona novamente. Ainda sobre a relação com seu filho, vez ou outra Marta

Largava a costura e saía à procura do menino. E estreitava-o demoradamente, beijava-o. Mas logo ele lhe escorregava do regaço e ignorava a sua presença, inteiramente absorvido pelo que estava fazendo. Marta se regozijava e se entristecia um pouco. Seu filho estava crescendo. Seu filho parecia precisar dela cada vez menos, cada vez mais absorvido pela beleza do mundo, pela grandeza do mundo (Lispector, 1976, p. 149).

O fragmento acima aponta para a ideia de que o elo entre mãe e filho, por mais profundo e complexo que possa ser, não impede o alçar do voo da criação rumo às descobertas do mundo, tampouco exige da figura materna uma proteção eterna. É nesse sentido que o filho vai, aos poucos, conhecendo a vida por si só, o que deixa a protagonista em parte feliz, em parte triste e cada vez mais frente à única existência que andaria ao seu lado para todo o sempre: a sua própria:

Quando acontecia contemplar o filho vagando pela casa, ensimesmado, sofria mais ainda, sentindo-se responsável por aquele pequenino ser cujos mutismos e temores ela apenas adivinhava mas não sabia como conjurar. Não, ela não podia viver a vida de seu filho, nem sequer ensinar-lhe a viver ela sabia. Presenciava o seu jeito solitário, externado por uma auto-suficiência que podia ir até à rudeza, e não possuía o dom de aproximar-se dele (Lispector, 1976, p. 149).

É a partir desse momento, pois, que a linha que ligava a unicidade entre os dois vai se atenuando: ela, na posição de mãe, sem a possibilidade de viver a vida por seu filho; ele, assim como os outros, homem, adentrando o mistério da vida e metido com suas pequenas coisas, seus pequenos negócios. Nas reflexões sobre o que a vida se tornara até esse ponto, Marta ponderava acerca do modo de vida ao seu redor:

Nesses momentos considerava também o quanto se havia distanciado de Bruno, cansada de sua operosidade um tanto ruidosa, e de sua segurança um pouco ingênua e estúpida, embora sabendo, no fundo, que não se podia vangloriar de sua atitude para com ele. — E mesmo em relação ao filho, considerou. Conhecia tudo de seu filho, desde os menores caprichos às mais íntimas partes de seu ser, mas um desconhecimento maior aflorava de tudo isso, e não raro lhe parecia que, com infinito amor embora, ela se estava estiolando nos cuidados e reparos quo-

tidianos, sem no entanto conseguir chegar até ele. E se diria que também seu filho se afastava dela mais e mais (Lispector, 1976, p. 151-152).

É claro, nesse ponto, como a vivência da protagonista começa a descambar para uma subversão dos valores patriarcais. Marta começava a compreender que mesmo a maternidade não seria capaz de satisfazê-la, indo ao desencontro do que preceitua a cartilha patriarcal que naturalizou a maternidade como o sonho e a realização da mulher. É importante pontuar, também, que essa insatisfação não implica necessariamente a falta de amor de Marta para com o filho ou a deslegitimação de sua maternidade. Na verdade, há em jogo, aqui, o possível rompimento de certos valores, por meio da quebra de expectativa quanto ao ser mãe e a ideia do preencher-se absoluto nesse lugar, já que ela inquieta-se dentro desse papel, corroborando a ideia de que “a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais ampla, mais completa e, também, pudessem reconhecer todas suas outras potencialidades” (Scavone, 2001, p. 139).

Acerca dessa ideia, aliás, Elizabeth Bandler (1985), importante voz do movimento feminista francês, em *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, dialoga sobre o lugar de deslegitimação ao qual são alçadas as mulheres que não trazem consigo, intrinsecamente, o tido amor materno, por meio da defesa de uma aura criada em torno dessa condição. Em suas palavras,

O amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não penso que exista necessariamente em todas as mulheres, nem mesmo que a espécie sobreviva graças a ele. Primeiro, qualquer pessoa que não a mãe (o pai, a ama, etc.) pode “maternar” uma criança. Segundo, não é só o amor que leva a mulher a

cumprir seus “deveres maternos”. A moral, os valores sociais, ou religiosos, podem ser incitadores tão poderosos quanto o desejo da mãe (Badinter, 1985, p. 17).

Nessa via, podemos compreender que o amor materno não seria, necessariamente, valor implementado em todas as existências femininas. Qualquer pessoa, que não a mãe, poderia atribuir a uma criança o tido “amor maternal”. Por esse caminho, não somente o amor levaria as mulheres a cumprirem com a maternidade, já que uma série de outras instituições que ditam o lugar, o corpo e a forma destas, como os valores morais e religiosos, podem ser tão norteadores para a inserção desta nessa estrutura quanto a vontade genuína de o fazer. Por isso,

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança manifestam-se ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada ou quase nada. Convictos de que a boa mãe é uma realidade entre outras, partimos à procura das diferentes faces da maternidade, mesmo as que hoje são rejeitadas, provavelmente porque nos amedrontam (Badinter, 1985, p. 23).

Em síntese, entra em campo aqui um ideal de arbitrariedade quanto da presença do “amor” e vocação materna na experiência feminina. Ela pode existir ou não, em meio a uma série de outras possíveis experiências maternas diversas, sem que sua negação ou o fato desta se apresentar insuficiente quanto ao preencher-se de si, a curto ou longo prazo, como é o caso de Marta, implique na sua invalidação.

Quanto a ela, na verdade, parece que sua busca inquietante por um filho resulta mais de uma tentativa de pôr fim em seus conflitos existenciais, uma vez que sua criança resultaria no fim dos seus problemas, do que de um desejo mais genuíno dela mesma, evidenciando uma ordem de tentativas de pertencimento a um lugar no contexto patriarcal. Essa ordem se coloca frente às vivências femininas, ditando uma maternidade obrigatória, sendo aquelas opostas a esse ideal, em algum grau, mal vistas. No entanto, é justo pensarmos que essas experiências que se colocam para além do delegado, à margem, por mais disruptivas que se coloquem aos olhos da engrenagem, apresentam-se como lados da moeda tão legítimos quanto os que estão no centro da estrutura.

1.2. Do deslocamento e da solidão feminina em *O muro de pedras: o preço para estar além da Ordem do Pai*

Como nos mostrou Lúcia Osana Zolin (2018), na pesquisa *Literatura brasileira contemporânea de autoria feminina: escolhas inclusivas?*, em torno de 25% dos romances publicados por mulheres pelas editoras Record, Rocco e Companhia das Letras, entre 2000 e 2015, trazem à tona questões e representações de personagens femininas relacionadas ao exílio, migração, errância e outros deslocamentos. É comum, hoje, nos depararmos com representações femininas que se dão a partir de protagonistas que tentam ultrapassar fronteiras, sejam elas físicas ou psicológicas, na ânsia de uma busca por autoconhecimento e encontro com seu eu mais íntimo. Essas protagonistas, “ao colocarem em perspectiva a condição exílica a que são submetidas, para além dos desdobramentos da própria desterritorialização, na esfera das relações hierarquizadas de gênero, fomentam o debate feminista e a revi-

são de valores tão cara ao contexto em que emergem” (Zolin, 2018, p. 04). Além disso, “O ir e vir que permeia a trajetória das/os protagonistas dessas narrativas, nesse sentido, é impulsionado por uma multiplicidade de situações derivadas, grosso modo, do desejo ou da necessidade de (re)construção identitária e de processos de subjetivação que, como tal, pressupõe agência” (Zolin, 2018, p. 05).

Trata-se, portanto, de perfis que, uma vez em movimento, expõem sua luta por realização e, mais do que isso, pertencimento. De acordo com Touraine (2011), ao pensarmos na situação feminina na atualidade, devemos levar em consideração o fato de que, embora avanços tenham ocorrido, não podemos negar, também, que houve um retrocesso no que diz respeito à legitimação e validade quanto aos modelos femininos construídos, por meio das reformas de gênero. Assim, para o autor, uma das grandes questões da mulher contemporânea está ligada ao fato de que a diminuição das desigualdades historicamente estabelecidas implica, de certa maneira, o enfraquecimento das relações familiares, com relacionamentos cada vez mais instáveis, ocasionados pelas novas descobertas das possibilidades de lugar da existência do feminino.

Nessa perspectiva de despertencimento e deslocamento, o pesquisador francês Alexis Nouss (2016 *apud* Zolin, 2018) toma a figura do(a) exilado(a) e/ou do(a) migrante em sentido concreto (pessoa exilada), tanto historicamente quanto politicamente, dispostas em diferentes circunstâncias temporais e espaciais. Para isso, o autor cria o termo “exiliência”:

Núcleo existencial comum a todas as experiências de sujeitos migrantes, quaisquer que sejam as épocas, as culturas e as circunstâncias que as acolhem ou que as pro-

vocam, a exiliência declina-se em condição e consciência, podendo inclusive acontecer que as duas, em graus distintos, não coincidam: pode alguém sentir-se em exílio sem ser concretamente um exilado (consciência sem condição), como pode alguém ser um exilado em concreto, sem contudo sentir-se em exílio (condição sem consciência) (Nouss, 2016 *apud* Zolin, 2018, p. 03).

A condição exílica, por esse ângulo, poderia se constituir tanto no sentido literal do termo – e falaríamos, aqui, de personagens que se constroem a partir de uma condição migratória, deslocando-se de um espaço físico para outro – quanto num outro mais abstrato e que tem como lugar o campo da consciência, por motivos diversos. É nesse segundo grupo que a figura de Marta se encontra e, embora se desloque fisicamente ao longo da narrativa – como quando viaja para a chácara da família após a partida da mãe –, será imbuída de uma vontade latente de se fazer parte do mundo feito pelo e para o homem, a partir de instituições específicas e um deslocamento em sua maior parte interno, motivado por tentativas de inserção nessa ordem. Apesar disso, falhará em suas tentativas, experimentando um deslocamento muito mais social, em que não se verá como o ideal do que se espera de uma mulher na ordem patriarcal, contribuindo para desmistificação e “superação da famigerada ‘condição feminina’, condição de oprimida, de subjugada, de silenciada...” (Zolin, 2018, p. 03), ainda que o preço a se pagar seja alto.

Na narrativa, ao final do casamento com Heitor, por exemplo, a protagonista tenta entrar em um processo de redescobrimiento do ser. Ela, que até então tinha a vida pautada na do marido, como vimos acima, quase como intrínseca à dele, buscava agora o encontro com sua individualidade. Era assim, pois, que saía em busca de fazer coisas, “ver pessoas, falar-lhes, enfim, tentar algo que

dê à vida uma aparência de vida, que possa dar a sensação de vida verdadeira” (Lispector, 1976, p. 55). Devagar e cuidadosa, Marta tentava se reaplicar à rotina, fazendo coisas que há tempos não fazia, como dar suas lições de francês e estabelecer disciplinas pessoais para ocupar seu tempo em todas as horas:

Não raro saía por aí, andando sem rumo, só por andar. Sentava-se num banco de jardim e deixava-se ficar simplesmente distraída. É bem verdade que mesmo então às vezes se inquietava, e se dava pressa, estremecendo ante um perigo iminente, como se daí a pouco já fosse demasiado tarde e nunca, nunca mais, ela pudesse reaver o tempo perdido (Lispector, 1976, p. 58).

Podemos notar, nesse trecho, dois pontos pertinentes: o primeiro diz respeito à já mencionada tentativa da protagonista de inserir-se no mundo à sua volta. Porém, mais do que isso, é possível percebermos como o momento em que ela baixa a guarda e se permite distrair em um banco de jardim pode representar um estado de perigo, em que, enquanto mulher deslocada do ponto de vista do casamento, estava sob a possível influência de um iminente corrompimento da moral, uma vez que era uma mulher casada. Há, aqui, o perigo certo do apreço pela vida fora do matrimônio, o que vai contra a ideia de mulher do patriarcado. Uma vez fora da relação, ela corria perigo de seguir por um norte que, uma vez percorrido, poderia implicar graves resultados. O romance ainda nos mostra outro fragmento onde podemos ver mais claramente as marcas causadas pelo novo cenário em que a personagem procura se inserir, passando, no entanto, por novos dilemas:

Por que é isso tão necessário?, indagava dela mesma. E não encontrava resposta. Apenas sabia por instinto que mais importante que tudo era escapar de perder-se, escapar

a essa ameaça que, maior que a da própria morte, velava sobre ela, atenta ao mínimo descuido. Isso ela pensava muitas vezes ao despertar, pela manhã, sentindo um grande desânimo arrastá-la para fora de si. Não obstante, era preciso começar a construir o seu dia. Se eu tivesse marido, e filhos, dizia consigo e nesses momentos pensava em termos gerais, abstraindo o marido que tivera, e os filhos que não chegara a conceber-se os tivesse, seria mais fácil. Pela manhã, eu teria de mandar as crianças à escola, e a criada às compras, teria que ir à costureira, depois esperar o marido de volta do trabalho. E quando as crianças crescessem, e quando o marido fosse aumentado, e as prestações da casa fossem pagas... E, com isso, haveria uma continuidade, um amanhã. Haveria uma razão para esperar (Lispector, 1976, p. 63).

É notória a ideia de perigo posta pela sombra que a rodeia e a constante necessidade de encontrar mecanismos que a empurrem para o dia a dia, para uma vida. Ela, uma vez na posição de mãe e esposa, teria muito menos dificuldade em se encontrar em meio ao mundo. Ao contrário disso, na verdade, teria uma vida pré-estabelecida, em que dedicar atenção e tempo aos afazeres dos filhos e do marido constituiria o exercício de sua vivência, do seu pertencimento. Contrariamente a isso, entretanto, encontrava-se em um lugar de exílio, onde somente vivem aquelas que perpassam as fronteiras do que se espera de um perfil de mulher ideal, tendo de lidar com o “(...) inexplicável remorso, indagando dela mesma onde estava o crime, onde a sua falta maior. E não sabia onde situar a fonte daquele súbito mal-estar, procurando aflita, como um cego a tatear inutilmente numa cidade grande cujas ruas ele não conhecesse” (Lispector, 1976, p. 65).

Esse estado exílico e deslocado em que Marta se insere quando não se encaixa dentro da instituição do casamento se estende também para sua passagem pela granja,

mesmo após o nascimento de seu filho, já que, contrariamente ao ideal de maternidade atribuído à mulher socialmente, como vimos em outros diálogos, a protagonista percebe que nem mesmo o fato de ser mãe, a longo prazo, foi capaz de ser suficiente em sua busca por plenitude, corroborando as já expostas ideias sobre a mistificação sobre o amor materno dispostas por Batinder (1985) e contribuindo para o seu mergulho na frustração por não pertencer ao lugar do que se espera de uma mãe na estrutura.

Em certa passagem, já nas páginas finais do romance, ao refletir sobre o saldo após sua consecutiva inquietação, sua busca pelo “algo a mais” que faltava em sua vida, Marta conclui:

(...) os instantes de clarividência que tivera no decorrer do que lhe parecia agora uma longa existência não serviram senão para justificar o seu viver naqueles instantes de vislumbre. Depois se desvaneceram, ela porém não morreu com as cintilações que se apagaram. Porque a vida continuava sempre, cada etapa, que lhe acenava com um ter-chegado-ao-fim e encontrar a paz definitiva, encerrando em si o começo do mistério multiplicado em novos movimentos cegos, pulsar intermitente e débil de um novo anseio vagamente esboçado, constantemente renovado, como o começo de uma nova vida gerada no escuro limo, como se o desconhecimento não tivesse limites na sua germinação fatal e inexcedível. A paz verdadeira, total, ela jamais viria a alcançar. Demasiado fundo havia cavado a sua inquietude (Lispector, 1976, p. 150).

É claro como ela percebe, dadas suas incontáveis angústias, que não alcançará a plenitude que tanto almejou, mergulhando em um estado desregular. Na verdade, ela chega à conclusão de que seus momentos de descontentamento desaguaram em nada mais do que instantes de vislumbre momentâneos, que somente serviram para

dar fuga às suas indagações imediatas. No entanto, ela e sua curiosidade não morriam com o final desses momentos catárticos, mas pelo contrário, somente descansavam para desabrocharem em novas perguntas, em novas tentativas de compreender o mundo e se fazer pertencente a ele, até que uma nova questão desse lugar à anterior. Como ela afirma, a paz verdadeira ela jamais atingiria, afinal, “ela era u’a mulher só, um ser que se havia empenhado em apagar o passado, mas para quem o futuro deixara por inteiro de preexistir, porque ela deixara de crer, cessara de esperar” (Lispector, 1976, p. 152-153).

Cansada de tantos dilemas, observamos o momento em que a protagonista se encaminha para a beira de um penhasco, de onde pode ser vista toda a extensão de sua terra, prestes a tirar a vida. De repente para e, quase como que disposta, ainda, a lutar, decide que “(...) não seria por essa forma que ela haveria de remir-se. Sair da vida assim seria ficar devendo alguma coisa a si mesma. Seria como deixar algo por terminar. Ainda falta percorrer uma etapa - disse consigo” (Lispector, 1976, p. 163). É nesse sentido que, já nas páginas finais do romance, ela chega à certeza de que somente de uma maneira conseguiria conviver com seus questionamentos. Indagando a si mesma, ela reflete:

Ir de renúncia em renúncia, estaria nisto a salvação? Entregar-me, ceder de todo, será isto? ‘Sim’, assentiu debilmente a princípio, depois confirmando com determinação. E nesse momento ela compreendeu que o que sempre lhe faltara fora grandeza. Ela jamais tinha sabido deixar-se humilhar, sempre inaceitando, resistindo sempre. ‘Talvez dessa resistência se tenha originado todo o meu sofrimento’, pensou. E nesse momento tinha como certo que somente através da humilde aceitação de si mesma e dos outros, é que se consegue escapar daquele vazío que, se não

ungido pela graça, aterroriza; que somente no dia em que estabelecesse uma conexão entre ela e o próximo, entre ela e o mundo, através de uma aprendizagem humilde e um consentido trabalho de obediência, como quem tece u'a manta, fio por fio, ponto por ponto, sem pressa de avançar, bastando-se com a própria contenção da tarefa de cada dia, de cada hora, que só então cessaria o seu sofrimento... (Lispector, 1976, p. 163).

Marta chega à certeza de que somente cedendo encontraria paz. Sua vida, até então pautada em incertezas, perguntas e resistências movidas por um desejo de pertencimento, somente serviram para a manutenção do seu tormento. Seria na humildade, no aceitar, na pequenez que ela encontraria alívio. Avesa a tudo e a todos, repreendendo-se sempre no seu mundo, ela nunca soube deixar-se vencer, compreendendo e aceitando o fluxo da vida como ele é, cada coisa no seu lugar, cada pessoa como deve ser, entendendo as coisas como são e construindo a paz nas pequenas iluminações de felicidade, na realização das pequenas vitórias diárias, sem ansiar pelo que ainda vem, pelo amanhã. Esse fora o maior de seus pecados, afinal, “havia uma outra ordem de coisas, uma vida bem mais caudalosa e rica do que a vivida na sua carne efêmera, nas suas contrições e tormentos” (Lispector, 1976, p. 165).

No entanto, o fato de ceder dessa maneira aponta para a última cartada por parte da personagem na tentativa de uma vivência plena: optar pelo caminho mais fácil, já que romper os limites do aceitável à mulher pode acarretar duros resultados. Ao fim, Marta passa a nutrir a adoção de uma essência de vida mais singela e conformada e, assim como seu próprio nome, que vem do aramaico “Martha” e significa “dona de casa”, passa a se permitir olhar a vida de uma posição amoldada, de um novo ângulo, fator que contribui, singelamente, para sua

inserção nos valores impostos pelo contexto do homem sob domínio masculino, que destina à figura feminina o lugar de aceitação e da conformidade, nunca o da inquietação e do desconforto.

1.3. Considerações finais

As figuras femininas em *O muro de pedras*, especialmente a protagonista, são representadas a partir da ideia de busca constante em se fazer parte da ordem patriarcal dominante. Por meio de instituições como o casamento e a maternidade, a personagem busca meios para atingir um conceito de plenitude e, embora em um primeiro momento ela se identifique nos referidos papéis de esposa e mãe, seu perfil inquieto e indagador acerca das questões do mundo a coloca em uma posição de questionamento, já que ela não se encaixa, a longo prazo, como mãe ou esposa, funções frequentemente associadas às figuras femininas dentro do que o patriarcado legitimou para as mulheres. A não identificação nesses papéis de gênero designados às mulheres ao longo do tempo coloca a personagem da obra em um lugar de exílio e introspecção. Por isso, a sensação de solidão e angústia sentidas pela protagonista fazem com que ela redirecione seus questionamentos ao final da narrativa, dando lugar a um perfil mais conformado e que vê na cedência o lugar para a verdadeira paz de espírito ante a frustração pela não transgressão completa com o que se espera da mulher dentro da lógica patriarcal.

Com isso, Elisa Lispector se insere no rol de autoras que pensaram temáticas e anteciparam ensaios de ruptura com certos valores morais da Ordem Patriarcal, colocando-se como uma figura disruptiva, que, ainda nos anos 70, explorou alternativas de representações do feminino mais plurais se comparadas às convencionais e solidificadas ao longo do tempo. Esse movimento se

coloca como um espaço de resistência, ainda que, como cartada final para atingir a paz de espírito, suas personagens rumem para um lugar em que a cedência é vista como única alternativa dada a dureza de um muro feito de pedras que, mesmo hoje, ainda insiste em permanecer em pé e procura regular os modos de ser e existir para o feminino.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivya. Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade. In: Ferreira et al. **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2022. P. 85-98.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARIAS, Morgana Medeiros de. **Mulher, casamento e autoria feminina: enfoques na literatura infantil e juvenil de Marina Colasanti**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

GOMES, Carlos Magno. **O deslocamento feminino no romance contemporâneo**. Revista criação e crítica. São Paulo, vol. 8, p. (12-19), Mar, 2012. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N08_CMGomes.pdf>. Data de acesso: 02/05/2025.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

MERUANE, Lina. **Contra os filhos**. São Paulo: Todavia, 2018.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos. Mulheres: o cruzamento de dois imaginários. In: SOLLER, Maria Angélica e MATOS, Maria Izilda S. (orgs.).

O imaginário em debate: gênero, música, pintura, boêmia. São Paulo: Olho d'água, 1998, p. 9-25.

SILVA, Marcelo Medeiros da. As mulheres no Evangelho de Saramago. In: ZUKOSKI et al. **Saramago: memorial do feminino**. Campo Mourão: Fecilcam, 2022. p. 121-139.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 16, p. 137-150, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644543>. Acesso em: 25 out. 2024.

SILVEIRA, Andresa da. **Representações da maternidade em contos da literatura brasileira contemporânea**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

TARDIVO, André Eduardo. De d. Maria Ana a Blimunda sete-luas: a representação feminina no romance saramaguiano. In: ZUKOSKI et al. **Saramago: memorial do feminino**. Campo Mourão: fecilcam, 2022. p. 57-70.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 401-442.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZOLIN, L. O. Estratégias de subjetificação na ficção contemporânea de mulheres: exílio, migração, errância e outros deslocamentos. Acta Scientiarum. **Language and Culture**, v. 40, n. 2, p. e41656, 4 set. 2018.

ZINANI, Jeanine Albert e SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos (Orgs.). **Da tessitura ao texto: percursos da crítica feminista**. Rio Grande do Sul: EducS, 2012.

Recebido em: 05/10/2025

Aprovado em: 14/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.